

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT15.006

A MATERIALIZAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS NO CONTEXTO MIDIÁTICO: UMA ANÁLISE DO CASO DE GUGU LIBERATO

Jeferson Silva da Cruz¹

Vicente Rodrigues da Fonseca Neto²

Maria Dulce Marques Ferreira³

RESUMO

Neste artigo investigamos a materialização das sequências textuais – descritivas, narrativas, argumentativas, explicativas e dialogais – no contexto do texto midiático publicado na página do Instagram “Choquei”, especificamente sobre o caso da herança de Antônio Augusto Moraes Liberato, conhecido como Gugu Liberato. A Linguística Textual (LT) e os conceitos de sequências textuais são os principais referenciais teóricos da pesquisa, considerando sua relevância para a construção da escrita midiática e a recepção das informações pelo público. Para tanto, recorreremos aos estudos de Marcuschi (2000, 2002, 2005), Adam (1987, 1992, 2008, 2011, 2019), Cabral (2024), entre outros. Além da perspectiva midiática, este estudo contribui para o ensino de Língua Portuguesa ao evidenciar a importância da análise discursiva e da organização textual em textos jornalísticos. A pesquisa ressalta a necessidade de desenvolver, no ensino básico, habilidades críticas de leitura e escrita, per-

- 1 Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jeferson.cruz@servidor.uepb.edu.br;
- 2 Graduando do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, vicente.fonseca@aluno.uepb.edu.br;
- 3 Graduanda do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, maria.dulce@aluno.uepb.edu.br;

mitindo que os alunos compreendam a estruturação do discurso midiático e seu impacto na interpretação da informação. A metodologia adotada é qualitativa e documental, com um recorte textual que demonstra as funcionalidades das sequências dentro de um discurso. Os resultados indicam que as combinações das sequências textuais são determinantes para a eficácia comunicativa do texto midiático e para o engajamento do público. Assim, reforça-se a importância de práticas pedagógicas que considerem a diversidade dos gêneros textuais e suas implicações na produção e recepção dos discursos.

Palavras-chave: Linguística Textual, Sequências textuais, Texto midiático, Ensino de Língua Portuguesa.

1 INTRODUÇÃO

À medida que se passa o tempo, os textos se modificam juntamente com a linguagem. E quem se torna responsável por analisar essas modificações é a Linguística Textual (LT), que teve seu início na década de 1960 na Europa e seu ápice nos anos de 1970, com contribuições de estudiosos como Beaugrande e Dressler (1981), cujo objetivo principal era buscar o conceito de texto, estabelecendo critérios para sua definição e funcionalidade, uma vez que, o texto até então era analisado de modo isolado o que prejudicava em sua totalidade como objeto de estudo.

Dessa forma, essa abordagem marcou uma mudança significativa, ao deslocar o foco das palavras isoladas para a unidade textual como elemento central da comunicação. Assim, com o passar dos anos, a LT evoluiu, ampliando seus estudos para abarcar aspectos relacionados à estrutura e à funcionalidade dos textos em diferentes contextos de uso. Um dos conceitos centrais nessa área é o de tipologia textual, que se dedica a categorizar os textos com base em suas sequências textuais e funções comunicativas.

Diante disso, no âmbito midiático, os textos são construídos com a função de informar, persuadir e, por vezes, entreter o leitor, utilizando uma combinação de sequências narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas e dialogais, conforme a classificação proposta por Adam (2019). Esses elementos textuais não apenas transmitem informações, mas também influenciam a interpretação do público sobre os eventos retratados, isto é, ajudam na produção e recepção das informações prestadas.

Um exemplo preciso dessas colocações é o texto do caso da herança de Antônio Augusto Moraes Liberato, o famoso apresentador de televisão Gugu Liberato, amplamente noticiado e debatido na mídia brasileira, o que acaba por revelar como diferentes tipologias textuais podem ser utilizadas para construir narrativas específicas. Desse modo, o presente artigo intitulado “A materialização das sequências textuais no contexto midiático: uma análise do caso de Gugu Liberato”, propõe analisar como

as sequências textuais são empregadas no texto midiático que aborda o caso de Gugu Liberato, com o objetivo de compreender de que maneira essas escolhas estruturais contribuem para a formação do discurso e para a recepção da informação pelo público.

Então o objetivo geral é investigar como as diferentes sequências textuais são utilizadas no texto midiático para moldar narrativas específicas. Seguindo para os objetivos específicos, busca-se: *a) identificar as principais sequências textuais presentes no texto midiático da plataforma Choquei sobre o caso de Gugu Liberato; b) analisar como essas sequências contribuem para a interpretação do leitor; e c) discutir o impacto dessas escolhas textuais na construção do discurso midiático.*

Para isso, serão utilizados conceitos teóricos de LT e análises de sequências textuais com base nos estudos de Marcuschi (2000, 2002, 2005) sobre sequências textuais e funcionalidade comunicativa, e de Adam (1987, 1992, 2008, 2011, 2019), que aborda a tipologia textual e a organização textual em diferentes gêneros, além de Cabral (2024), que trabalha o texto como um instrumento de construção conjunta na sociedade.

Além disso, a discussão parte da hipótese de que a organização tipológica dos textos midiáticos desempenham um papel fundamental na comunicação de ideias e na construção de narrativas. A escolha do caso da herança de Gugu Liberato como objeto de análise justifica-se por sua ampla repercussão na mídia e pela diversidade existente de textos midiáticos que abordam o tema, permitindo uma rica investigação das tipologias textuais utilizadas. Vale ressaltar que, a análise oferece uma oportunidade de compreender como o texto midiático molda a percepção pública de questões sociais e jurídicas, contribuindo para os estudos da LT ao evidenciar a relevância das escolhas tipológicas na formação do discurso e no impacto comunicativo.

Para alcançar os objetivos propostos, este estudo adota uma abordagem qualitativa e documental, uma vez que, a análise será conduzida a partir do texto midiático publicado no veículo de comunicação de grande

circulação: Choquei, no qual abordou o caso da herança de Gugu Liberato. Este trabalho justifica-se a partir das vivências adquiridas ao longo da Monitoria da Disciplina de “Leitura e Elaboração de Texto II”, do curso de Letras- Língua Portuguesa do Campus IV- Catolé do Rocha, como também da necessidade de compreender as tipologias textuais no texto midiático.

Outrossim, a metodologia consiste em identificar, categorizar e analisar as sequências textuais presentes no texto selecionado, com base nos modelos teóricos propostos por Marcuschi (2000, 2002, 2005), Adam (1987, 1992, 2008, 2011, 2019) e Cabral (2024). A análise será dividida em três etapas principais: *a) entender os conceitos de sequência textual; b) análise das sequências na construção da narrativa e no direcionamento interpretativo do leitor a partir do texto midiático de Gugu; e c) discussão do impacto das escolhas tipológicas na formação do discurso e na recepção pública.*

Por fim, os resultados serão organizados de forma a evidenciar como as diferentes sequências textuais contribuem para a articulação de narrativas midiáticas e como elas influenciam a percepção do público sobre o caso em questão. A partir dessa análise, pretende-se demonstrar a relevância do estudo da sequência textual como ferramenta para compreender o papel dos textos na mediação da informação e na construção do discurso midiático.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Koch (1984), os textos podem ser comparados a tecidos, em que cada linha está interligada, formando uma unidade coesa. Essa metáfora ressalta como os elementos textuais se organizam para criar sentido. Nessa tessitura, as ligações entre as partes seguem padrões específicos, o que levou estudiosos a investigar e categorizar esses padrões, dando origem às tipologias textuais. A busca por compreender essas estruturas teve início no campo da LT, com o objetivo de classificar os textos de acordo

com suas funções e características predominantes, oferecendo uma base para análises mais profundas.

Assim, surgem as tipologias textuais, que, segundo Marcuschi (2000), são “construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas”. Essas propriedades estruturais permitem identificar regularidades nos textos, porém Marcuschi adverte que a diversidade textual impõe desafios a essa categorização, tornando necessária uma abordagem flexível e funcional, por isso torna-se relevante o que evidencia Miranda (2010, p.72), que “no plano do texto os investigadores não têm conseguido elaborar e justificar de modo suficiente uma tipologia que permita incluir todos e quaisquer exemplares textuais numa única (e só uma) categoria”.

Dessa maneira, para o autor, as tipologias não apenas organizam os textos em categorias distintas, mas também ampliam o entendimento sobre os processos de produção e recepção textual. Além disso, ele salienta a importância de alinhar as tipologias aos objetivos da análise, reconhecendo que cada sistema de classificação reflete critérios específicos de observação, ou seja, a produção de um texto necessita bastante da classe ou do tipo de texto. O linguista ainda define *tipo textual* como “uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)” (Marcuschi, 2005, p. 22).

Nesse sentido, a abordagem tipológica proposta por Marcuschi (2000) busca compreender o texto em sua totalidade, considerando-o como uma unidade de sentido formada por meio de sequências textuais que interagem com os gêneros e as práticas discursivas. No entanto, ele reforça a distinção entre os termos *tipo textual* e *gênero textual* (que são comumente definidos de maneira errônea, sendo designados de maneira igual), pois como o autor coloca “ostipos textuais são construções teóricas, ou seja, são entidades formais relevantes à materialidade linguística e não entidades comunicativas” (Marcuschi, 2005, p.23).

Ao classificar assim os textos com base em suas características estruturais e funcionais, Marcuschi reforça também que a análise deve ir além

da superfície, investigando as relações internas entre os elementos textuais e sua conexão com os contextos de uso, podendo ter propostas tipológicas baseadas em aspectos internos (ou estritamente linguísticos), em aspectos externos ou ainda em uma combinação de ambos.

Contudo, Marcuschi (2000, p. 29-30) adverte que as categorias tipológicas devem atender a condições de relevância linguística ou discursiva. Para ele, não faz sentido criar categorias com critérios que não contribuam significativamente para a análise textual. Como exemplificado abaixo:

não seria plausível julgar que um exemplar dos artigos de jornal cortados em forma triangular e expostos em praça pública por 15 dias no inverno passado pudesse ter algum interesse especial na análise em virtude dessas peculiaridades. Os critérios da construção dessa classe são pouco úteis para um trabalho linguístico.

Essa advertência, entretanto, não implica que apenas tipologias de base linguística sejam relevantes, mas que a escolha da tipologia depende dos objetivos específicos do pesquisador e das demandas de sua análise. Outra questão crucial diz respeito à dificuldade de uma tipologia única abarcar a *heterogeneidade dos textos*, uma vez que estas, inevitavelmente, estabelecem conjuntos fechados de critérios. Diante disso, é possível adotar classificações baseadas em parâmetros variados, como os modos enunciativos, as funções comunicativas e as condições de produção, conforme destacado por Petitjean (1989), que “compreende a tipologia como uma construção que possui três parâmetros: uma base tipológica, um domínio de aplicação caracterizado e uma descrição das formas de estabelecimento de relação entre o domínio de aplicação e a base tipológica”.

Ademais, Marcuschi (2000), por sua vez, apresenta as diferentes tipologias considerando as modalidades textuais, sejam elas orais, escritas ou que combine ambas, ampliando o alcance das análises para incluir a diversidade de contextos de uso e de práticas discursivas. É nesse panorama que os estudos sobre sequências textuais, como os desenvolvidos por Adam (1987, 1992, 2008, 2011, 2019), complementam e aprofun-

dam a proposta de Marcuschi (2000). O linguista francês introduz a noção de sequências textuais como unidades estruturais que constituem os textos e que, ao mesmo tempo, possuem uma organização interna própria, dado que, postula sobre uma dimensão sequencial do texto, o que repercute a definir “sequência textual como um segmento linear de unidades linguísticas”(Adam, 1987, p.55).

Segundo o autor, as sequências textuais operam como esquemas cognitivos e composicionais que, combinados, dão forma aos textos e permitem a produção de sentido. Adam (2019), enfatiza que os textos são formados por cinco tipos principais de sequências, descritivas, narrativas, argumentativas, explicativas e dialogais, que não apenas se apresentam de maneira isolada, mas frequentemente se combinam e interagem, refletindo a complexidade das práticas discursivas. Essa visão amplia o escopo de análise ao destacar que as sequências textuais não estão restritas a padrões rígidos, mas são flexíveis e adaptáveis às necessidades comunicativas dos gêneros e situações sociais em que estão inseridas.

3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e documental, fundamentada na análise das sequências textuais presentes no texto midiático selecionado. A fonte de análise é uma publicação da página no Instagram *Choquei*, especializada em conteúdo midiático de alta visibilidade. Assim, o recorte selecionado, publicado no Instagram, aborda o caso da herança de Antônio Augusto Moraes Liberato, conhecido como Gugu Liberato, e foi escolhido devido à sua relevância social, caráter informativo e interação com o público.

A análise será realizada com base em duas categorias principais: *a) identificação e categorização das sequências textuais predominantes*: seguindo os modelos teóricos de Marcuschi (2000, 2002, 2005) e Adam (1987, 1992, 2008, 2011, 2019), logo, as sequências textuais serão identificadas e categorizadas em descritiva, narrativa, argumentativa, explicativa

e dialogal, além disso, esta etapa visa demonstrar as estruturas utilizadas no texto da “Choquei” e compreender como elas contribuem para o seu propósito comunicativo; e b) *discussão das funções textuais*: cada sequência será analisada em termos de funcionalidade discursiva, com foco em como contribuem para o impacto e a recepção pública da informação.

Sendo assim, o texto-base apresenta um relato detalhado sobre a disputa pela herança de Gugu Liberato, envolvendo membros da família e terceiros interessados. Vale salientar que a seleção justifica-se pelo caráter multimodal da publicação e pela alta interação social que ela promove, permitindo explorar as relações entre forma e função textual em ambientes digitais. Por fim, haverá um tópico dedicado exclusivamente à análise das sequências textuais identificadas no recorte, discutindo como elas são estruturadas e utilizadas para moldar o discurso midiático, reforçar interpretações específicas e captar o engajamento dos leitores.

4 SEQUÊNCIAS TIPOLÓGICAS

De acordo com Adam (1992, 2008), os textos são compostos por sequências textuais que interagem para formar a unidade discursiva. Essas sequências incluem a descritiva, narrativa, argumentativa, explicativa e dialogal, sendo raramente puras em textos reais, mas predominantemente híbridas. Logo, torna-se relevante o que acentua Adam (2019, p. 46) ao denominar sequência textual como:

As sequências são unidades textuais complexas, compostas de um número definido de blocos de proposições de base, as macroproposições. Essas macroproposições são unidades ligadas a outras macroproposições do mesmo tipo e ocupam posições precisas dentro do todo ordenado da sequência. Cada macroproposição toma seu próprio significado apenas em relação a outras macroproposições, na unidade semântica complexa da sequência.

Assim, enfatizando que um mesmo texto pode apresentar inúmeras sequências, sendo essas uma estrutura relacional pré-formatada, como

será demonstrado no texto midiático selecionado sobre o caso da herança de Gugu Liberato, revelando desse modo a multiplicidade do texto, isto é, um caráter multifacetado e único de cada produção textual. A seguir apresentamos os cinco protótipos abstratos de sequências textuais propostos por Adam (2019), que como o autor coloca “correspondem a cinco tipos de relações macrossemânticas adquiridas junto com a língua, por impregnação cultural (pela leitura, pela escuta e pela produção), e transformadas em esquemas de reconhecimento e de estruturação da informação textual” (Adam, 2019, p. 46).

4.1 SEQUÊNCIA DESCRITIVA

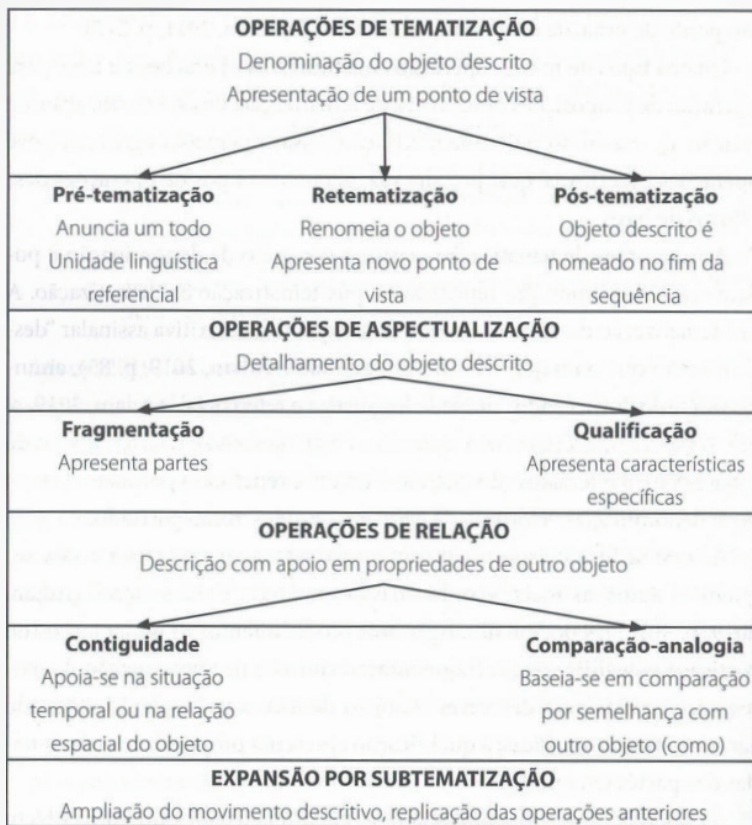
A sequência do tipo descritivo, conforme os preceitos de Adam (2019), organiza-se no texto com o objetivo de detalhar e caracterizar entidades, situações ou fenômenos, destacando suas propriedades, sem necessariamente apresentar progressão temporal ou causal, dado que, tem uma “caracterização sequencial menos rígida” (Adam, 2019). É uma sequência que visa construir uma imagem estática ou detalhada, permitindo ao leitor visualizar os elementos descritos.

De maneira, que no plano estrutural, a descrição tende a ser organizada em blocos ou parágrafos que exploram aspectos específicos do objeto ou situação descritos. Em textos midiáticos, a sequência descritiva desempenha um papel essencial na contextualização dos fatos narrados. Ela fornece informações estáticas, fundamentais para situar o leitor em relação às circunstâncias e cenários apresentados, complementando as sequências narrativas ou argumentativas, apresentando um posicionamento do enunciador, uma orientação argumentativa.

Logo, é importante destacar que, embora a descrição geralmente esteja associada à construção de imagens detalhadas, ela não atua de forma isolada no texto; sua função é frequentemente híbrida, entrelaçando-se com outras sequências, como a narrativa, para enriquecer o discurso e fundamentar as informações transmitidas. Assim, a sequência descritiva

não apenas caracteriza, mas também contribui para a coesão textual e para a clareza na transmissão da mensagem, ajustando-se às necessidades discursivas do gênero em questão. Abaixo na figura 1 incluímos o resumo das operações de base que constrói as sequências descritivas, por Cabral (2024):

Fig. 1 - Operações de tematização



Fonte: Cabral, 2024.

Posto isso, a sequência do tipo descritivo, segundo o esquema apresentado, organiza-se por meio de operações fundamentais que estruturam o texto de forma detalhada e sistemática. Primeiramente, as operações de tematização destacam-se pela apresentação do objeto descrito, seja por meio da pré-tematização, que introduz a unidade linguística referencial e anuncia um todo; da retematização, que reformula o objeto com a

introdução de um novo ponto de vista; ou da pós-tematização, na qual o objeto é nomeado ao final da sequência.

Em seguida, as operações de aspectualização são responsáveis pelo detalhamento do objeto descrito, podendo ocorrer por fragmentação, que apresenta as partes constitutivas, ou por qualificação, que adiciona características específicas. Ademais, as operações de relação inserem descrições apoiadas em propriedades de outros objetos, com destaque para a contiguidade, que explora relações temporais ou espaciais, e a comparação-analogia, que estabelece semelhanças entre os objetos. Por fim, a expansão por submetatização amplia o movimento descritivo, reiterando operações anteriores para enriquecer a descrição. Esses mecanismos conferem à sequência descritiva uma organização que combina lógica e coesão, articulando elementos de maneira a construir um texto descritivo eficaz e consistente.

Para Marcuschi (2000, 2002, 2005), a sequência descritiva desempenha um papel central na construção do sentido textual ao organizar e detalhar informações com foco na significação contextual. Para ele, a descrição é um processo dinâmico que vai além da simples listagem de características; ela cria uma imagem mental no interlocutor, atuando como um recurso linguístico e discursivo que dialoga com os objetivos comunicativos do texto. Nesse sentido, Marcuschi (2000, 2002, 2005) aponta que a descrição é frequentemente associada à função referencial da linguagem, sendo utilizada para situar o objeto no espaço e no tempo, relacioná-lo a outros elementos e qualificá-lo de acordo com o propósito do discurso, entretanto, Adam (2019) expressa que não se pode confundir a função descritivo-referencial da linguagem com a sequência descritiva, na qual corresponde a macroproposições textuais.

Além do mais, ele ainda destaca que o uso estratégico de elementos descritivos pode intensificar a clareza, a persuasão ou a emotividade do texto, dependendo de seu gênero e contexto. Deste modo, a descrição se insere como um recurso essencial no texto midiático, contribuindo para guiar o leitor na interpretação e na construção de sentidos, ao mesmo

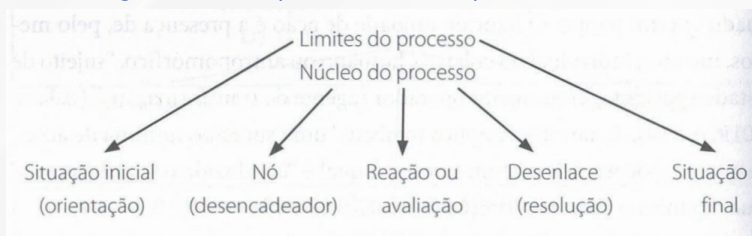
tempo que permite uma articulação fluida com outras sequências textuais, como a narrativa e a argumentativa.

4.2 SEQUÊNCIA NARRATIVA

A sequência do tipo narrativo caracteriza-se pela organização de eventos em uma estrutura que contempla um início, desenvolvimento e conclusão, com base em uma sucessão lógica de temporalidade e causalidade, pois “para que haja narrativa é necessária uma sucessão mínima de acontecimentos dentro de um tempo” (Adam, 2019, p. 114). Inicialmente, há a apresentação de uma situação inicial que introduz o contexto e os personagens envolvidos, situando o leitor no cenário central da narrativa. Em seguida, ocorre a complicação, momento em que surge o conflito ou problema principal que move a ação e gera expectativas no leitor sobre os desdobramentos.

No desenvolvimento, os eventos são apresentados de forma progressiva, detalhando as ações e as reações dos envolvidos, o que mantém o ritmo e o engajamento do leitor. Essa fase geralmente expande os elementos do conflito, adicionando camadas de complexidade que enriquecem a narrativa e aprofundam o envolvimento do público. Finalmente, a sequência narrativa culmina na resolução, onde o desfecho do conflito é apresentado, trazendo algum grau de fechamento ou encaminhamento para os eventos narrados. Essa estrutura, ao interligar os momentos com coerência e fluidez, contribui para a clareza e o impacto comunicativo da narrativa textual, no entanto, Adam (2019) salienta que a sequência narrativa deve gerar no leitor uma espécie de princípio moral, como por exemplo, é apresentado no texto narrativo: fábula. Apresentamos na figura 2 os componentes da sequência narrativa:

Figura 2 - Componentes da sequência narrativa



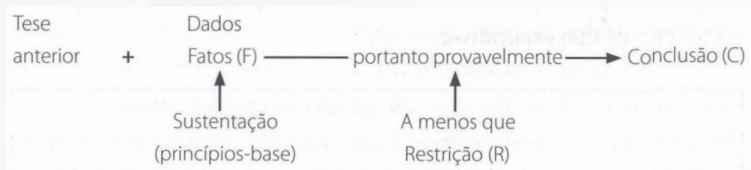
Fonte: Cabral (2024, p. 28), com base em Adam (2011, p. 226)

4.3 SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA

Para a análise da Sequência Argumentativa no contexto do texto midiático selecionado, fundamentamos nossa explanação no esquema apresentado na figura 3. De maneira, que a sequência do tipo argumentativo é caracterizado por uma progressão lógica que parte de uma tese inicial, apoiada por fatos (F) e dados, sustentando-se em princípios-base para alcançar uma conclusão (C). Essa progressão, no entanto, pode conter restrições (R) que indicam condições para o desdobramento da argumentação, sendo assim, tornando relevante o que aponta Cabral (2024, 2016), “a um movimento enunciativo que consiste em apresentar elementos que permitem apoiar determinada conclusão ou tese, dando-lhe sustentação”.

Além disso, a presença de restrições no percurso argumentativo serve para qualificar ou relativizar a conclusão, imprimindo maior nuance ao texto. Esses aspectos asseguram que a argumentação no texto midiático não seja meramente expositiva, mas guie o leitor a interpretar os fatos apresentados de maneira direcionada, embora condicionada por ressalvas que promovam um diálogo crítico com a informação apresentada. Portanto, essa estrutura reafirma o papel do texto midiático não apenas como informativo, mas também como formador de opinião, ajustando-se às finalidades comunicativas do gênero, visto que, “esse esquema argumentativo prevê a ocorrência de uma tese à qual se contrapõem dados que conduzem a uma nova tese ou conclusão” (Cabral, 2024, p. 29), como observamos na figura 3:

Figura 3 - Esquema da Sequência Argumentativa



Fonte: Cabral (2024, p. 29) adaptado de Adam, 2011, p. 234

4.4 SEQUÊNCIA EXPLICATIVA

A sequência do tipo explicativo, conforme ilustrado na figura 4, organiza-se em etapas que permitem a apresentação de uma questão, sua justificativa e uma avaliação conclusiva. Essa estrutura, dividida em quatro macroproposições explicativas (Adam, 2019), segue uma progressão lógica, iniciando com uma esquematização inicial (Macroproposição Explicativa 0), onde o tema central é introduzido. Em seguida, surge o problema ou pergunta (Macroproposição Explicativa 1), sintetizado pela formulação de um “Por que X?”. A resposta é apresentada na Macroproposição Explicativa 2, por meio de uma explicação que articula o “Porque”. Finalmente, a sequência culmina na Macroproposição Explicativa 3, que realiza uma ratificação ou avaliação, encerrando o processo argumentativo-explicativo, como destacamos na figura 4:

Figura 4 - Processo argumentativo-explicativo

0	Macroproposição explicativa 0	Esquematização inicial
Por que X?	Macroproposição explicativa 1	Problema (pergunta)
Porque	Macroproposição explicativa 2	Explicação (resposta)
	Macroproposição explicativa 3	Ratificação-avaliação

Fonte: Adam (2019, p. 193).

Ademais, no texto midiático analisado, essa sequência é frequentemente observada quando um acontecimento ou situação controversa é explorada. A introdução contextualiza o tema, seguida pela problematização que desperta a curiosidade do leitor. A explicação, então, é desenvolvida com base em fontes e dados, respondendo ao questiona-

mento inicial e conduzindo à etapa de avaliação, que reafirma a veracidade ou importância da informação transmitida. Vale ressaltar que os textos explicativos utilizam na maioria das vezes a figura de linguagem elipse, isto é, omite um termo (nesse caso os operadores) da frase que pode ser facilmente subentendido.

Logo, essa estrutura contribui para a clareza e coesão do texto, guiando o leitor por meio de um percurso lógico de questionamento e resposta. Além disso, a sequência explicativa reforça o papel comunicativo do texto midiático, que não apenas informa, mas também contextualiza e explica os fatos de maneira acessível. Assim, a aplicação desse esquema na análise textual evidencia como a estrutura discursiva organiza e legitima o discurso midiático, dado que, “a explicação é dada por um sujeito de saber reconhecido” Cabral (2024).

4.5 SEQUÊNCIA DIALOGAL

A sequência do tipo dialogal estrutura-se em uma dinâmica interacional que simula ou representa uma troca comunicativa entre interlocutores. Assim, conforme o modelo teórico de Adam (2019), essa sequência é caracterizada pela alternância de turnos discursivos, onde há uma interação marcada por encadeamentos, “uma atividade ritual, cuja aposta é a confirmação e a manutenção do tecido social” (Adam, 2019, p. 215). No texto analisado, a sequência dialogal emerge em momentos estratégicos, principalmente quando são incorporadas falas diretas ou reproduções de declarações de terceiros. Essa estrutura promove a polifonia textual, permitindo que diferentes perspectivas sejam apresentadas de forma articulada e contrastante. Além disso, o caráter dialogal contribui para criar uma proximidade maior com o leitor, que se sente parte de uma conversa ou testemunha de uma interação real.

Desse modo, a sequência dialogal, ao incluir perguntas retóricas ou direcionadas, também pode guiar o leitor por um percurso reflexivo. Nesse sentido, ela vai além de uma simples reprodução de vozes exter-

nas, pois cumpre um papel persuasivo, orientando a recepção do texto e reforçando seu propósito comunicativo. Posto isso, a sequência dialogal desempenha um papel crucial para o gênero, garantindo dinamismo e uma conexão mais envolvente com o público.

5 ANÁLISE DO EXEMPLO DO CASO DA HERANÇA DE GUGU LIBERATO

Já entendido o que é cada sequência textual, passamos agora a analisar e identificar como elas se organizam dentro de um texto midiático. Afinal, para anunciar qualquer informação de maneira coerente e eficiente, é indispensável uma construção textual bem estruturada, e é nesse contexto que as sequências textuais desempenham um papel fundamental.

No caso do texto midiático que aborda a herança de Antônio Augusto Moraes Liberato, o Gugu Liberato, podemos observar a predominância de diferentes sequências, conforme os critérios teóricos de Adam (1987, 1992, 2008, 2011, 2019), além de considerarmos os aspectos discursivos e de gênero conforme as propostas de Cabral (2024) e Marcuschi (2000, 2002, 2005). Apresentamos abaixo (figura 5) o post do caso em estudo:

Figura 5 - Post da plataforma Choquei

choquei Cinco anos após a morte do apresentador Gugu Liberato, sua família finalmente chegou a um consenso sobre a divisão de sua herança, avaliada em R\$ 1,4 bilhão. O acordo encerra uma longa disputa judicial que dividiu a família e trouxe à tona detalhes íntimos da vida do apresentador. Gugu morreu em novembro de 2019, após sofrer um acidente doméstico em Orlando, nos Estados Unidos. Ele deixou 75% de seu patrimônio para seus três filhos: João Augusto, de 18 anos na época, e as gêmeas Sofia e Marina, de 16 anos. Os outros 25% foram destinados aos seus cinco sobrinhos. A irmã de Gugu, Aparecida Liberato, foi nomeada inventariante. A mãe dos filhos de Gugu, Rose Miriam di Matteo, porém, não foi mencionada no testamento, o que deu início a uma batalha judicial. Rose entrou com uma ação para reconhecimento de união estável com Gugu, o que lhe garantiria 50% dos bens do apresentador. A disputa se intensificou quando o chef de cozinha Thiago Salvático também reivindicou uma união estável com Gugu. Ele desistiu da ação, mas tempos depois entrou com outra ação novamente. "Achava que tudo seria muito tranquilo, que a gente ia fazer a divisão dos bens conversando (...). A família ficou meio dividida na época. Eu tinha opiniões diferentes das minhas irmãs e da minha mãe, e ficou um clima ruim, né", diz João Augusto. 🗨️

Fonte: https://www.instagram.com/p/DDo8dsDu_fcky7Wj7QJGv4jd3LbJyTrUz6eVaM0/. Acesso em: 16 dez. 2024.

Assim, o primeiro trecho, *Cinco anos após a morte do apresentador Gugu Liberato, sua família finalmente chegou a um consenso sobre a divisão de sua herança, avaliada em R\$1,4 bilhão*, apresenta-se como sendo de caráter descritivo, narrativo e explicativo, uma vez que, apresenta, narra e explica o caso ao mesmo tempo. Por conseguinte, descreve a luta da questão judicial, mostrando o uso da sequência descritiva: *O acordo encerra uma longa disputa judicial que dividiu a família e trouxe à tona detalhes íntimos da vida do apresentador*. Logo, a partir de um uma macroproposição explicativa 0, nas figuras 4 e 5, deu-se início a construção do material de análise, que este configura-se com a divisão da herança avaliada em R\$1,4 bilhão do Gugu.

Mas do que se deu o caso, como ele morreu? A partir da morte de Gugu em um acidente doméstico, conforme o autor explica: *Gugu morreu em novembro de 2019, após sofrer um acidente doméstico em Orlando, nos Estados Unidos*. Antônio deixou 75% de seu patrimônio para seus três filhos: João Augusto, de 18 anos na época, e as gêmeas Sofia e Marina, de 16 anos, o autor expõe essas informações com o uso das sequências narrativas e explicativas. No período seguinte, por apositivar⁴ Aparecida, irmã de Gugu que foi inserida na herança, além de narrativa e explicativa, a oração torna-se de tipo descritivo.

Desse modo, no trecho, *A mãe dos filhos de Gugu, Rose Miriam di Matteo, porém, não foi mencionada no testamento, o que deu início a uma batalha judicial*, evidencia-se a sequência do tipo explicativa e narrativa, dado que na macroproposição 1 segue o seguinte questionamento: por que a herança dele está sendo disputada sendo que ele já deixou os bens divididos antes de morrer? A explicação é encontrada na macroproposição 2, quando é mostrado no texto que Rose Miriam Di Matteo, a mãe dos seus filhos (João Augusto Liberato, Sofia Liberato e Marina Liberato) não estava inserida na herança, como também a nomeação de Aparecida

4 Apositivar, nesse contexto, é quando se abre um leque linguístico para o uso do aposto. Ou seja, a partir do uso do aposto, o autor usou o nome Aparecida e entre vírgulas descreveu quem ela é.

Liberato como inventariante de seus filhos, descartando novamente Rosa Miriam da divisão, o que acabou causando um alvoroço no núcleo familiar, chegando a uma batalha judicial.

À vista disso, Rose Miriam alegava ter direito a herança, como observa-se nas sequências narrativa e explicativa, em *Rose entrou com uma ação para reconhecimento de união estável com Gugu, o que lhe garantiria 50% dos bens do apresentador*, pois reconhecia ter uma união estável com o pai de seus filhos, porém ela não esperava ser confrontada com a também reivindicação de união estável de Thiago Salvático, o chef de cozinha, no fragmento,

A disputa se intensificou quando o chef de cozinha Thiago Salvático também reivindicou uma união estável com Gugu, destacando as sequências do tipo descritivo e explicativo, além das tipologias narrativa e explicativa no seguinte trecho, *Ele desistiu da ação, mas tempos depois entrou com outra ação novamente*.

A posteriori a macroproposição 3 aparece ratificando a situação de forma geral, expressando a fala de João Augusto, justamente com o auxílio da sequência dialogal, *Achava que tudo seria muito tranquilo, que a gente ia fazer a divisão dos bens conversando (...). A família ficou meio dividida na época. Eu tinha opiniões diferentes das minhas irmãs e da minha mãe, e ficou um clima ruim, né*, salientado a inclusão da fala direta de João Augusto Liberato, um dos três filhos de Gugu, o que acrescenta uma dimensão subjetiva e emocional ao discurso, promovendo maior proximidade com o público, uma vez que, ele coloca que achava que a divisão dos bens de seu pai iria ser mais tranquila e que não haveria brigas, o que contrastamos que não foi ao longo das macroproposições explicativas.

Dessa maneira, a sequência que mais aparece no texto midiático em análise é a explicativa, que desempenha um papel central na organização da mensagem. Essa sequência é fundamental para esclarecer os principais acontecimentos relacionados ao caso da herança de Gugu Liberato, oferecendo ao leitor um panorama detalhado e objetivo. Por meio de informações claras e bem estruturadas, o texto apresenta os desdo-

bramentos do processo judicial, a divisão dos bens e o encerramento do litígio após cinco anos, evidenciando o caráter informativo que orienta sua construção.

Além disso, a sequência explicativa se destaca pelo uso de dados objetivos e verbos no presente do indicativo, que conferem um tom de imparcialidade e credibilidade à narrativa. Elementos como “Gugu morreu em 2019” e “o processo foi encerrado agora” reforçam o caráter elucidativo, permitindo que o leitor compreenda os fatos sem ambiguidades. Essa predominância evidencia a intenção do texto de priorizar o esclarecimento dos acontecimentos, alinhando-se à função informativa típica do gênero midiático. No entanto, embora a sequência explicativa seja predominante, outras sequências também contribuem para a riqueza do texto.

A sequência narrativa, por exemplo, complementa a explicativa ao relatar os eventos em uma ordem cronológica, facilitando a compreensão do leitor sobre a evolução do caso. Então, a análise das sequências textuais revela como o texto utiliza diferentes recursos para atingir seus objetivos comunicativos. Assim, a sequência explicativa, como eixo principal, organiza e sustenta o discurso informativo, enquanto as sequências narrativa e dialogal conferem dinamismo e profundidade ao texto. Essa combinação é essencial para o gênero midiático-informativo, que busca não apenas informar, mas também engajar o público por meio de uma abordagem clara, acessível e emocionalmente envolvente.

Identifica-se elementos que corroboram essa estrutura: a tese inicial é introduzida por uma manchete ou ponto central, seguido de dados que sustentam a narrativa, como declarações ou acontecimentos verificáveis em *Cinco anos após a morte do apresentador Gugu Liberato, sua família finalmente chegou a um consenso sobre a divisão de sua herança, avaliada em R\$1,4 bilhão. O acordo encerra uma longa disputa judicial que dividiu a família e trouxe à tona detalhes íntimos da vida do apresentador.*

Em um movimento típico da sequência argumentativa, esses fatos não apenas justificam a posição do texto, mas conduzem o leitor a uma conclusão provável, frequentemente marcada por conectores argumen-

tativos como “portanto” ou “assim”. Como já estudado por Tcacenco (2021) é uma sequência de esquema de base, podendo ser vista em praticamente todo texto, haja vista que seu encadeamento é por dois fatores, dado e conclusão, que são materializados por diversos outros componentes, estes vistos nas figuras 3 e 5.

Ainda é possível identificar a sequência narrativa dentro do texto analisado, sendo esse um dos recursos mais recorrentes. Além dos critérios explicativos e argumentativos, a narrativa se faz essencial, pois permite a organização dos fatos de maneira cronológica e coerente. Dessa forma, o texto não apenas informa, mas conduz o leitor por uma progressão de eventos, tornando a notícia mais clara e envolvente. Vejamos essa estrutura, já explicada nas figuras 2 e 5. Fomos apresentados a uma situação inicial: a morte de Gugu, *Gugu morreu em novembro de 2019, após sofrer um acidente doméstico em Orlando, Estados Unidos*, esse é um evento que desencadeia a disputa pela herança.

O nó é visto quando Rose não é inserida no testamento, *Ele deixou 75% de seu patrimônio para seus três filhos: João Augusto, de 18 anos na época, e as gêmeas Sofia e Marina, de 16 anos. Os outros 25% foram destinados aos seus cinco sobrinhos. A irmã de Gugu, Aparecida Liberato, foi nomeada inventariante. A mãe dos filhos de Gugu, Rose Miriam di Matteo, porém, não foi mencionada no testamento, o que deu início a uma batalha judicial*, então sua reação é disputar pela herança.

Para o desfecho, *Rose entrou com uma ação para reconhecimento de união estável com Gugu, o que lhe garantia 50% dos bens do apresentador. A disputa se intensificou quando o chef de cozinha Thiago Salvático também reivindicou uma união estável com Gugu. Ele desistiu da ação, mas tempos depois entrou com outra ação novamente. “Achava que tudo seria muito tranquilo, que a gente ia fazer a divisão dos bens conversando (...). A família ficou meio dividida na época. Eu tinha opiniões diferentes das minhas irmãs e da minha mãe, e ficou um clima ruim, né”, diz João Augusto*, o que em síntese demonstra o andamento das disputas na Justiça e os depoimentos das partes envolvidas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das sequências textuais no discurso midiático, como demonstrado no caso da herança de Gugu Liberato, também se mostra frutífera quando aplicada ao contexto educacional, especialmente no ensino de Língua Portuguesa. Ao compreender como as diferentes sequências se articulam para construir sentido, o professor pode mediar, junto aos alunos, práticas de leitura crítica dos textos que circulam nas redes sociais e na mídia digital, promovendo uma educação voltada para a formação de leitores autônomos e conscientes.

Inspirando-se na perspectiva freiriana de ensino, especialmente na Pedagogia da Autonomia, acredita-se que ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural dos educandos (Freire, 2024). Nesse sentido, textos como os publicados pela página “Choquei” tornam-se instrumentos potentes para dialogar com a realidade e os interesses dos estudantes, articulando os multiletramentos às práticas de ensino.

Ao trabalhar com gêneros midiáticos em sala de aula, o professor pode promover discussões sobre estrutura textual, intencionalidade discursiva e manipulação de informações, desenvolvendo competências de análise linguística e discursiva que são fundamentais no exercício da cidadania crítica. Além disso, a identificação das sequências textuais em ambientes digitais oferece um caminho para o trabalho com práticas sociais de linguagem, como propõem os PCN (1998), em articulação com os estudos de Marcuschi e Adam.

Assim, o ensino de tipologias textuais pode deixar de ser um conteúdo descontextualizado e passar a integrar práticas significativas de leitura, escritas em ambientes reais, permitindo que o aluno compreenda, critique e reescreva o mundo, como desejava Freire (2024).

O estudo das sequências textuais presentes no texto midiático sobre a herança de Gugu Liberato evidenciou como diferentes estruturas discursivas são combinadas para organizar e transmitir informações de maneira eficiente. De maneira, que a predominância da sequência explicativa

revelou-se fundamental para garantir a clareza e objetividade do relato, proporcionando ao leitor um panorama detalhado dos desdobramentos do caso. No entanto, a explicação não opera isoladamente; outras sequências, como a narrativa, desempenham um papel essencial ao estruturar a cronologia dos eventos, assegurando coerência e facilitando a compreensão da progressão dos fatos.

Conforme observado por Marcuschi (2002), as funcionalidades dos gêneros e das tipologias textuais se inter-relacionam, formando um encadeamento discursivo indispensável à construção do texto midiático. Dessa forma, a articulação entre sequências explicativas e narrativas não apenas organiza a informação, mas também potencializa seu impacto comunicativo, tornando a notícia mais acessível e envolvente. Assim, fica evidente que a combinação dessas estruturas textuais é um fator determinante para a eficiência do discurso midiático, contribuindo tanto para a objetividade informativa quanto para a captação do interesse do público.

Além disso, outro aspecto relevante da análise foi a identificação da sequência argumentativa, que, embora menos predominante, se manifesta na organização lógica das informações e no uso de conectores que conduzem o leitor a uma conclusão implícita sobre a legitimidade das disputas judiciais. Assim, a estrutura do texto reflete a intenção comunicativa do gênero midiático-informativo: não apenas expor os fatos de maneira clara e objetiva, mas também engajar o público e estimular reflexões sobre o caso.

Desse modo, o estudo confirma a importância das sequências textuais na construção do discurso midiático, evidenciando como sua interação possibilita a articulação de informações e o direcionamento da leitura.

A análise realizada corrobora os fundamentos teóricos de Adam (1987, 1992, 2008, 2011, 2019) e de autores como Cabral (2024) e Marcuschi (2000, 2002, 2005), demonstrando que a combinação de diferentes sequências contribui para a coesão e eficiência comunicativa do texto. Por fim, os resultados desse estudo podem servir de base para pesquisas futuras que investiguem a relação entre estrutura textual e persuasão no

jornalismo e mídia, ampliando a compreensão sobre o impacto das estratégias discursivas na formação da opinião pública.

REFERÊNCIAS

ADAM, J.-M. **Textos, tipos e protótipos**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

CABRAL, A. L. T. (2024). **Estudos do discurso: Conceitos fundamentais**. Cap. 19. Vozes. CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; LIMA, Nelci Vieira de; ALBERT, Sílvia. **TDIC na educação básica: perspectivas e desafios para as práticas de ensino da escrita**. Dossiê Trab. Ling. Aplic., Campinas, n (58.3): 1134-1163, set./dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/01031813554251420190620>

CHOQUEI, **VEJA: Família de Gugu chega a acordo após 5 anos de batalha judicial por herança de R\$1,4 bilhão**. Goiás, 16 dez. 2024. Instagram: @choquei. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DDo8dsDu_fcky7Wj7QJGv4jd3Lb-JyTrUz6eVaM0/. Acesso em: 16 dez. 2024.

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

FIGUEREDO, Giacomo; FREITAS, Gabriel Gomes Botelho; AZEVEDO, Laura Scaramussa; FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 61. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2024.

DAMASCENO, Lucas Alexandre. **Considerações sobre a organização do texto e da instanciação sob a perspectiva sistêmico-funcional**. Revista Delta, 40.1, p. 1-35, dez. / mar., 2024. <https://dx.doi.org/10.1590/1678-460x202440159824>

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**/ Ingedore Villaça Koch.- 7ª. ed.- São Paulo: Contexto, 1994.- (Repensando a língua portuguesa)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O papel da linguística no ensino de línguas**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000. Mimeografo.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual**. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). *Gramática do português falado* (vol. VI). Campinas, SP: Editora da Unicamp/FAPESP, 2002. p. 219254. (reedição ou nova edição do original de 1997).

MARCUSCHI, L. A. **O papel da atividade discursiva no exercício do controle social.** Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 7, p. 7-33, 2004/2005.

SOUSA, S. C. T. de. (2012). **As abordagens tipológicas dos textos.** Linguagem em (Dis)curso, 12(1), 347-364. <https://doi.org/10.1590/s1518-76322012000100016>

TCACENCO, Lucas Meireles. **Sequências explicativas em textos de museus de ciências e tecnologia: análise dos textos do MCT- PUCRS à luz da tipologia de Jean-Michel Adam.** Domínios de Linguagem, Uberlândia, vol. 15, n. 1, p. 154-179, jan. - mar. , 2021. DOI:10.14393/DL45-v15n1a2021-5